

## **EPILEPSIA: IMPACTOS E ESTIGMAS NA APRENDIZAGEM**

**Karine de Jesus Silva<sup>1</sup>**  
**Magalí de Paula Silva Santana<sup>2</sup>**

**psicomagalasantana@gmail.com**

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências Humanas

### **RESUMO**

A epilepsia é uma condição neurológica complexa estudada desde os tempos de Hipócrates e Galeno como uma doença cerebral com causas físicas identificáveis. Historicamente, os pacientes epiléticos foram estigmatizados, rotulados como demoníacos e sujeitos a perseguições e execuções. Esse estigma persiste atualmente, afetando negativamente a vida dos indivíduos com epilepsia em várias interações sociais, oportunidades de emprego e aspectos emocionais. Este artigo se propõe a explorar as implicações e estigmas associados à epilepsia na aprendizagem. Utilizando uma revisão bibliográfica qualitativa de artigos científicos dos últimos cinco anos, encontrados através de pesquisa nos descritores "epilepsia", "estigma" e "impactos na aprendizagem" no Google Acadêmico, identificou-se que estudantes com epilepsia enfrentam dificuldades acadêmicas devido a convulsões e efeitos colaterais da medicação que prejudicam memória, atenção e concentração. O temor de convulsões em locais públicos também contribui para o baixo desempenho acadêmico. Para apoiar esses alunos, são necessários programas de mediação como Programas de Educação Individualizada e uma colaboração próxima entre escola e família. O estigma associado à epilepsia também tem implicações psicológicas e sociais, afetando a autoestima e a motivação dos estudantes. Uma abordagem interdisciplinar envolvendo neurologistas, pedagogos, psicólogos e psicopedagogos é crucial para desenvolver estratégias educativas inclusivas que melhorem a experiência e a qualidade de vida desses alunos, combatendo o estigma. Educar continuamente os professores sobre epilepsia e implementar políticas de educação inclusiva são passos essenciais para criar um ambiente educacional acolhedor e facilitador para os estudantes com epilepsia.

**PALAVRAS-CHAVE:** epilepsia; aprendizagem; estigmas.

### **1 INTRODUÇÃO**

Um dos pioneiros no estudo da epilepsia foi Hipócrates, conhecido como "o pai da medicina". Logo após, Galeno ampliou as pesquisas de Hipócrates, indicando que a epilepsia seria uma condição cerebral e classificando-a em duas categorias: aquelas provenientes de doenças identificáveis e aquelas com origens

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice - Univértix-Matipó/MG.

<sup>2</sup> Psicóloga, psicopedagoga e professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice – Univértix - Matipó/MG.

desconhecidas. Ambos contribuíram significativamente para a medicina ao defender a ideia de que as causas da epilepsia eram de ordem física e não mística, estabelecendo assim o cérebro como a principal fonte dos movimentos humanos. Ainda sobre o processo histórico, alguns autores e estudos, relatam que, as pessoas com epilepsia eram vistas como seres demoníacos ou bruxos, e assim eram queimadas vivas em fogueiras (Dias, 2015).

O estigma na epilepsia tem sido destacado como um dos principais elementos que afeta de forma negativa a vida cotidiana do indivíduo e de sua família, bem como as interações sociais, vida acadêmica, oportunidade de emprego, e os aspectos emocionais, além de promover um futuro adoecimento psicoemocional do sujeito (Fernandes; Li, 2006).

Para, Araújo *et al.*, (2023), o estigma abrange cinco etapas sociais distintas. Inicialmente, ocorre a identificação e a atribuição de rótulos a diferenças entre as pessoas. Em seguida, os valores das culturas predominantes associam características indesejáveis a estereótipos negativos, levando os indivíduos a perceberem sua própria "diferença". Posteriormente, na terceira fase social, aqueles rotulados são classificados em grupos específicos e, por consequência, separados dos demais. No quarto estágio, as pessoas estigmatizadas sofrem com a perda de status social e a discriminação. Por fim, o quinto estágio trata da perpetuação do estigma como uma construção social. Na área da neurologia, particularmente no contexto da epilepsia, o preconceito se mostra prevalente, sendo frequentemente considerado mais estressante e prejudicial do que a própria condição médica.

A epilepsia é uma condição neurológica complexa que afeta mais de 50 milhões de pessoas em todo o mundo. Caracteriza-se por episódios de atividade cerebral anormal, conhecidos como crises epiléticas. A origem da epilepsia é multifatorial, envolvendo fatores genéticos (hereditariedade), neurobiológicos e ambientais (como lesões decorrentes de traumas, tumores, infecções, como meningite ou encefalite), e divide-se em dois tipos: focais (com sintomas como movimentos involuntários, alterações sensoriais, sensações desagradáveis, como formigamento, ou até mesmo experiências emocionais incomuns) ou generalizadas, que frequentemente resultam em perda de consciência e tremores musculares (Zuberi, 2015).

Exames médicos, que incluem exames neurológicos, são realizados para avaliar a saúde geral do paciente. A fim de detectar atividade elétrica anormal no cérebro, o paciente passa por um eletroencefalograma (EEG) e exames de imagem, como a ressonância magnética (RM), que detecta lesões cerebrais, tumores ou outras irregularidades estruturais associadas às crises epiléticas. O tratamento da epilepsia é individualizado, levando em consideração a gravidade dos sintomas, o tipo de crise e as necessidades pessoais do paciente: Medicamentos Antiepiléticos (AEDs), Cirurgia de Epilepsia, Terapias Complementares (yoga, acupuntura) (Zuberi, 2015).

Com isso, o presente trabalho põe em pauta a discussão: quais são os impactos da epilepsia, mostrando seu histórico, seus conceitos e formas de tratamento além das implicações na aprendizagem? A hipótese desse estudo é que a epilepsia afeta o indivíduo em várias esferas, principalmente nas fases iniciais da escolarização e a aprendizagem, vida social, profissional, psicoemocional, entre outras. Partindo dessa premissa questionamos quais os impactos e estigmas na aprendizagem do aluno com epilepsia e quais estratégias podem ser feitas para promover a inclusão e o desempenho acadêmico desses alunos?

O objetivo é discutir impactos e estigmas na aprendizagem de indivíduos acometidos pela epilepsia. Trabalhos como este têm grande importância em destacar que nem toda dificuldade de aprendizado se traduz em um transtorno, podendo estar ligada a questões emocionais e comportamentais do estudante, bem como aos aspectos relacionados ao conteúdo ministrado, à qualidade da transmissão do conhecimento, ao papel do professor como facilitador do saber, aos métodos de ensino e ao ambiente de aprendizagem. Nesse contexto, a colaboração interdisciplinar entre a neurologia infantil, a pedagogia, a psicologia e a psicopedagogia torna-se cada vez mais crucial.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O conceito de estigma surgiu para contextualizar a dimensão afetiva que tem assumido um papel importante na análise do estigma em relação à epilepsia (Oliveira *et al.*, 2019). Ela é uma criação dos antigos gregos, segundo eles, as marcas corporais positivas que esta cultura poderia criar através do corte ou

queimadura sinalizavam algo extraordinário ou moralmente errado sobre a pessoa assim marcada. Essas marcas identificavam um escravo, um criminoso ou um traidor; aqueles que ostentavam as marcas eram considerados ritualmente impuros e deviam ser evitados, principalmente em locais públicos (Chissano, 2022).

Segundo Muthemba (2015), o estigma é um componente multifacetado que abrange ignorância, preconceito, discriminação e rotulagem negativa. Além disso, o estigma reflete na cultura e resulta em barreiras sociais baseadas em serviços que apenas servem para impedir a inclusão bem-sucedida de pacientes com perturbações mentais na comunidade.

Ao nascer, a criança possui apenas funções psicológicas básicas. Com o passar do tempo e a absorção da cultura, essas funções se desenvolvem em capacidades psicológicas mais complexas, incluindo o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade individual em relação ao momento e espaço atuais. O progresso do psiquismo humano é sempre mediado por outros indivíduos que orientam, definem e atribuem significados à realidade (Pimenta; Caldas, 2014).

Assim, os membros jovens da espécie humana gradualmente internalizam os padrões psicológicos, comportamentais e culturais. Neste exemplo, é importante ressaltar a valorização da inclusão real, em que crianças com deficiências têm contato com outras que possuem um desenvolvimento mais avançado. Essa interação possibilita a troca de conhecimentos e experiências, promovendo uma aprendizagem conjunta. Vygotsky apoia a ideia de uma educação inclusiva e acessível a todos e descreve muito bem como esse processo de complexificação da inteligência acontece por meio do desenvolvimento cultural das funções psicológicas superiores (Coelho; Pisani, 2012).

O processo de aprendizagem é bastante complexo, requerendo a participação integral do indivíduo, considerando suas habilidades intelectuais, processos cognitivos e aspectos emocionais. Além disso, ele depende da família, da escola, dos professores e dos colegas de classe, em um contexto socioeconômico e cultural específico. Segundo vários estudos e especialistas (Fernandes; Li, 2006), a aprendizagem não é um processo isolado, mas interconectado com o ambiente e as interações sociais (Felipe, 2023).

A escola pode ser vista como mais uma forma de desafio para a criança, pois o início da vida acadêmica representa um momento marcante, sendo o primeiro contato com as interações sociais, regras e valores. No entanto, se a criança for tratada de maneira diferenciada e sentir-se assim, isso pode resultar em problemas nas relações interpessoais ou mesmo no rendimento escolar (Ablon, 2002).

A aprendizagem de uma pessoa que tem epilepsia pode enfrentar várias complicações, prejudicando sua vida acadêmica, especialmente no que diz respeito à capacidade de fazer cálculos. É crucial notar que a epilepsia está entre os vários distúrbios neurobiológicos que afetam a habilidade matemática, assim como outros aspectos: memória, atenção, linguagem e concentração. Além disso, há dificuldades em assimilar o conteúdo aprendido na sala de aula (Dias, 2015). Intervenções educacionais, como planos educacionais individualizados (PEIs), podem ser extremamente benéficas para esses alunos, assim como o apoio de profissionais especializados (Santos, 2020).

É fundamental destacar que a maneira como os pais lidam com a epilepsia é essencial para influenciar a forma como as crianças entenderão essa condição e se relacionarão com os outros, impactando na dinâmica familiar e no ajuste psicossocial. (Fernandes; Souza, 1999).

A colaboração entre família e escola é vital para proporcionar um ambiente de apoio consistente. Lev Vygotsky, renomado psicólogo russo salienta a necessidade de cooperação entre a família e a escola no desenvolvimento de uma criança. Sua teoria sociocultural enfatiza que há um desenvolvimento de habilidades cognitivas pela interação social, e a aprendizagem é muito influenciada pelo ambiente social e cultural em que a criança reside (Pimenta; Calda, 2014).

Vygotsky argumenta ainda que esta colaboração é importante para identificar e expandir a Zona de Desenvolvimento Proximal da criança, ou ZDP, que é a diferença entre o que uma criança pode fazer sozinha e o que ela pode fazer com o apoio de outros. À medida que pais e professores colaboram, eles fornecem o apoio necessário, ou “andaime”, que ajuda a criança a atingir níveis cada vez mais elevados de desenvolvimento (Coelho; Pisani, 2012).

A cooperação entre a família e a escola cria um ambiente rico de interações sociais significativas que são necessárias para reforçar a aprendizagem e o

desenvolvimento da criança. Assim, de acordo com as teorias de Vygotsky, a cooperação estreita e eficiente entre a família e a escola é a base para o estabelecimento de um ambiente homogêneo de apoio que facilite o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças (Ponte, 2020).

A escola precisa ficar atenta ao estudante, valorizar o que ele já sabe, usar isso como base de trabalho, incentivar suas habilidades e dar a oportunidade para que ele supere seus limites e avance em seu desenvolvimento e aprendizado. O professor, para desempenhar bem seu papel, deve conhecer o aluno, suas descobertas, suposições, crenças e opiniões, promovendo o diálogo e criando situações em que o aluno possa compartilhar seu conhecimento. Dessa forma, os registros e observações são vitais tanto para o planejamento e definição de objetivos quanto para a avaliação do processo. (Oliveira; Marinho, 2019). Para que essas estratégias sejam bem-sucedidas, é essencial a formação contínua dos professores em práticas inclusivas e em conhecimento sobre epilepsia. A formação ajuda os professores a lidarem adequadamente com os alunos com epilepsia e proporciona-lhes um ambiente educativo amigável e propício à aprendizagem (Araújo *et al.*, 2021).

A inclusão escolar de crianças com epilepsia é também apoiada por diversas políticas e legislações educativas, promovendo uma educação inclusiva e o direito de aprender num ambiente que respeite as suas necessidades específicas. Cabe destacar a importância da interdisciplinaridade entre neurologistas infantis, educadores, psicólogos e psicopedagogos para apoiar uma prática educativa mais inclusiva e eficaz (Lobato, 2021).

### **3 METODOLOGIA**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa por meio do método de revisão bibliográfica. Segundo Silva *et al.*, (2022), A pesquisa qualitativa tem por objetivo compreender a multiplicidade de significados e sentidos que marcam as subjetividades dos sujeitos na relação com o social. Já o método de revisão bibliográfica é uma metodologia de pesquisa observacional, retrospectiva, sistemática, orientada para a seleção, análise, interpretação e discussão de posturas teóricas, resultados e conclusões consubstanciadas em artigos científicos

divulgados nos últimos anos sobre um tema de escolha, a fim de obter informações relevantes que contribuem para a solução de problemas (Ocaña-Fernández; Fuster-Guillén, 2021).

Este estudo faz parte do cumprimento do estágio supervisionado específico I do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix, na cidade de Matipó, Minas Gerais.

Para a realização desse trabalho foi realizado uma busca-ativa de trabalhos científicos na plataforma Google Acadêmico. Partindo dessa premissa, foram escolhidos 10 artigos científicos dos últimos 5 anos, selecionados por meio do instrumento booleano “AND” utilizando os seguintes descritores, epilepsia, estigma e impactos na aprendizagem. Os critérios de exclusão consistiram em excluir os artigos que não se relacionavam com o tema desse trabalho e que ultrapassavam o período de publicação de 5 anos. Essa pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2024 entre os meses de março e junho pela acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Univertix campus de Matipó, Minas Gerais.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo das discussões encontradas nos trabalhos pesquisados, os estudantes que sofrem de epilepsia geralmente apresentam dificuldades acadêmicas, que podem ser atribuídas não apenas aos ataques epiléticos, mas também aos efeitos colaterais dos medicamentos antiepiléticos. As convulsões perturbam a continuidade da aprendizagem e as drogas influenciam a memória, a atenção e a concentração. Pesquisas mostram que o menor desempenho acadêmico se deve a esses fatores em comparação aos estudantes sem epilepsia, principalmente em disciplinas que envolvem habilidades matemáticas e de linguagem (Dias, 2015).

A epilepsia afeta diretamente vários processos cognitivos vitais na aprendizagem. Problemas de memória de curto e longo prazo, atenção dividida e concentração são frequentes entre esses alunos. Além disso, a possibilidade de uma convulsão ocorrer em local público pode gerar ansiedade constante, agravando ainda mais o desempenho acadêmico (Magalhães, 2009).

Está provado que intervenções específicas para a epilepsia, como o Programa de Educação Individualizada (IEPs), são muito úteis para proporcionar alívio a estes alunos. Essas intervenções consistem também em adaptações curriculares, uso de tecnologia assistiva e disponibilização de profissionais especializados, como psicólogos e terapeutas ocupacionais. A cooperação da família e da escola é crucial para o sucesso destas estratégias (Ramalho; Silva; Cruz, 2009).

A epilepsia ainda está cercada de muitos mitos e preconceitos. Historicamente, as pessoas que sofriam de epilepsia eram consideradas “possuídas” ou perigosas (Dias, 2015). Embora o estado do conhecimento sobre a epilepsia tenha avançado, muitos estudantes ainda enfrentam sérios estigmas. Isto, em muitos casos, pode levar à exclusão social e à discriminação, o que afeta negativamente a imagem e a autoestima destes estudantes (Santos, 2021).

O estigma associado à epilepsia pode levar a problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e baixa autoestima. Essas condições psicológicas, por sua vez, interferem na motivação e no engajamento dos alunos nas atividades escolares. A internalização do estigma pode fazer com que os alunos evitem participar em atividades sociais e acadêmicas, o que agrava o isolamento e impede a aprendizagem (Fernandes; Li, 2006).

A inclusão escolar de alunos com epilepsia é o remédio para combater o estigma. As interações diárias com colegas e professores que compreendem e apoiam a sua condição devem contribuir para a normalização da epilepsia e a redução de preconceitos. Mas a inclusão deve ser apoiada pela educação contínua dos educadores sobre epilepsia e estratégias de inclusão para proporcionar um clima genuinamente inclusivo e acolhedor (Oliveira; Marinho, 2019).

Os impactos e estigmas associados à epilepsia são desafios significativos para a aprendizagem das pessoas que sofrem da doença. É evidente que os fatores neurobiológicos, bem como os psicossociais, devem ser levados em consideração para abordar o desempenho acadêmico dos alunos (Braga, 2023).

A abordagem interdisciplinar é crucial para o sucesso educacional dos alunos com epilepsia. Conforme apresenta Brandi (2023), as colaborações dos profissionais neurologistas, pedagogos, psicólogos e psicopedagogos são necessárias para a

construção de estratégias educativas que respondam às necessidades específicas dos alunos. Além disso, a implicação ativa da família e da escola é importante para proporcionar um apoio contínuo e eficaz.

Como afirmam Carvalho e Schmidt (2021), as políticas educativas inclusivas desempenham um papel altamente crítico na garantia dos direitos educativos dos alunos com epilepsia. As escolas devem garantir implementações eficazes de práticas inclusivas baseadas em evidências e fornecer recursos para apoiar os alunos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Discutir os impactos e estigmas associados à aprendizagem de pessoas com epilepsia revela a complexidade dessa condição, exigindo uma abordagem abrangente. A epilepsia, caracterizada por episódios imprevisíveis de atividade elétrica atípica no cérebro, não apenas apresenta desafios médicos, mas também sociais e educacionais significativos. A luta contra o estigma envolve não apenas a conscientização pública, mas também a desconstrução de preconceitos arraigados que podem limitar as oportunidades educacionais e sociais dos indivíduos afetados.

A implementação de intervenções educativas adequadas é crucial para apoiar alunos com epilepsia, que podem enfrentar dificuldades específicas, como déficits de memória ou desafios na concentração durante e após as crises. Estratégias educacionais personalizadas, como planos de aprendizagem individualizados e suporte técnico especializado, são essenciais para maximizar o potencial acadêmico desses estudantes.

Além disso, a promoção de ambientes inclusivos nas escolas desempenha um papel fundamental na melhoria da experiência educativa e na qualidade de vida dos alunos com epilepsia. Isso não se limita à acessibilidade física, mas também à sensibilização dos colegas e educadores sobre as necessidades específicas desses estudantes. Programas de sensibilização e educação sobre epilepsia podem contribuir significativamente para a criação de um ambiente escolar mais solidário e acolhedor.

A abordagem interdisciplinar é crucial para abordar de maneira holística as necessidades complexas dos alunos com epilepsia. A colaboração entre

profissionais de saúde, educadores, pais e a comunidade escolar é essencial para desenvolver estratégias eficazes de suporte. Além disso, o desenvolvimento contínuo dos educadores em relação às melhores práticas e novas pesquisas é fundamental para garantir que todas as crianças, independentemente de suas condições médicas, tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e pessoal.

## REFERÊNCIAS

ABLON, J. A natureza do estigma e das condições médicas. **Epilepsia Comportamento**, v.3, n.6, S2, p.2-9, 2002. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315416175-38/nature-stigma-medical-conditions-joan-ablon>. Acesso em: 14 de jun.2024.

ARAÚJO, P. C. M. do A. **A chegada de crianças com a síndrome congênita do zika vírus na educação infantil: formação de professores e inclusão educacional**. 2021. 236 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2021. Disponível em: <https://tede.ufrjr.br/jspui/handle/jspui/6787>. Acesso em: 13 de jun.2024.

BRAGA, P. P. P.; DUTRA, J. B. R.; QUINTINO, C.; DE MELO, M. G.; GHAZALE, P. P. A estigmatização da epilepsia e os impactos na qualidade de vida dos pacientes: contextualização e perspectivas de superação. **Revista Científica da FacMais**, v. 20, n. 1, p. 99-110, 2023. Disponível em: <https://revistas.facmais.edu.br/index.php/revistacientificafacmais/article/view/84>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CARVALHO, A. G. C.; SCHMIDT, A.. Práticas Educativas Inclusivas na Educação Infantil: uma Revisão Integrativa de Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, p. e0231, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/TSxBRBNCnfKJnHLfMSwpYVP/#>. Acesso em: 14 de jun.2024.

COELHO, L. PISANI, S. Vygotsky: teoria sua e a influência na educação. **Revista e-Ped-FACOS/CNEC Osório**, v. 2, n.1, ago.,2012. Disponível em: [https://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto\\_2012/pdf/vygotsky\\_-\\_sua\\_teorica\\_e\\_a\\_influencia\\_na\\_educacao.pdf](https://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf). Acesso em: 14 de jun.2024.

CHISSANO, R. J. P. **Fatores de estigmatização de jovens com epilepsia dos 20 aos 24 anos de idade no sistema familiar, assistidos no Serviço de Neurologia do Hospital Central de Maputo, no período de 2019 a 2020**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade Eduardo Mondlane. Disponível em: <http://www.repositorio.uem.mz/handle258/761>. Acesso em: 13 de jun.2024.

DIAS, A. M. A. **A epilepsia e seus possíveis comprometimentos na aprendizagem.** Universidade Federal Da Paraíba. João Pessoa, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2493/1/AMAD02122015.pdf>.  
Acesso em: 14 de jun. 2024.

FERNANDES, P. T.; SOUZA, E. A. P. de. Inventário simplificado de qualidade de vida na epilepsia infantil: resultados iniciais. **Arq Neuropsiquiatra**. v.57, n.1, p.40-43, 1999. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/anp/a/jqrtDFbLHCTGM4GYMpYynxD/?lang=pt&format=html>.  
Acesso em: 14 de jun.2024.

LOBATO, D. M. N. **Desafios para as práticas pedagógicas de professores para a inclusão no ensino regular de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).** 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá (AM), 2021. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8461>. Acesso em: 13 de jun.2024.

MAGALHÃES, L. V. B.; FERNANDES, P. T.; LI, L. M.. Aspectos educacionais na epilepsia. **Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology**, v. 15, n. 4, p. 172–177, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jecn/a/fXn7x73kfYz7QRBQ8T4rMKF/#>. Acesso em: 13 de jun.2024.

MUTHEMBA, R. **Estigma e Percepções dos Médicos de clínica geral sobre a doença mental e suicídio.** Mestrado em Política e Serviços de Saúde Mental - Universidade Nova de Lisboa, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/15214>. Acesso em: 14 de jun.2024.

SANTOS, J. Epilepsia dificuldade de aprendizagem escolar. **Minerva Magazine of Science**, v. 2, n. 9, p. 2616-4574, 2021. Disponível em: <https://www.minerva.edu.py/archivo/13/9/ARTIGO%20JORGIANE%20DO%20SOCORRO%20SOUZA%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 14 de jun.2024.

SILVA, Daniele Cariolano da; JUNIOR, Francisco Ranulfo Freitas Martins; SILVA, Tatiana Maria Ribeiro; NUNES, João Batista Carvalho. Características de pesquisas qualitativas: em teses de um programa de pós-graduação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.38, e26895, 2022.

SIQUEIRA, M. R. S. de .; ARAUJO, M. J. P. .; SANTOS, K. L. S. dos .; DINIZ, R. F. .; GOMES, N. da S. .; BARROS, L. F. Os impactos que interferem na qualidade de vida de crianças com epilepsia: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 3, p. e3513345216, 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/45216>. Acesso em: 13 jun. 2024.

OCAÑA-FERNÁNDEZ, Y., & FUSTER-GUILLÉN, D. A revisão bibliográfica como metodologia de pesquisa. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.14, n.33,

e15614. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v14i33.15614>. Acesso em: 14 de jun. 2024.

OLIVEIRA, A. A. S.de. MARINHO, Í.M. M. BRANDÃO, I. R. Uma breve análise das contribuições de Vygotsky para a educação. **Vale do Acaraú (UVA-CE)**, 2019 Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD4\\_SA4\\_ID7014\\_25092019195355.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD4_SA4_ID7014_25092019195355.pdf). Acesso em: 14 de juun.2024.

OLIVEIRA, A. J.; ANDRADE, F. F. F.; FERRO, L. R. M.; ALMEIDA, M. A. R. de; FÁTIMA V., C. de; TAGAVA, R. F. **A construção histórica do estigma sobre o conceito de dependência de álcool**. 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1612>. Acesso em: 14 de jun.2024.

PONTE, C. Cidadania e escola no contexto digital. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 501-522, abr. 2020. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-38762020000200501&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762020000200501&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 13 jun. 2024.

PIMENTA, S. B. B.; CALDAS, R. S. Estudo introdutório sobre desenvolvimento da percepção infantil em Vigotski. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 179-187, dez. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202014000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 jun. 2024

RAMALHO, J.; SILVA, C.; CRUZ, C. Intervenção precoce na epilepsia. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 15, p. 359-368, 2009. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/17166>. Acesso em: 14 de jun.2024.

RANDI, Y. M. **Autonomia e decisão de constituição familiar em mulheres com epilepsia**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/17166>. Acesso em: 14 de jun.2024.

ZUBERI, S. M.; SYMONDS, J. D.. Atualização sobre o diagnóstico e tratamento de epilepsias da infância. **Jornal de Pediatria**, v. 91, n. 6, p. S67–S77, nov. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/8JCPDGZPsckN8x8Yq9gf6pt/#>. Acesso em: 13 de jun.2024.